



BUSHIRE NO GOLPHO PERSICO.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

A guerra entre a Grã-Bretanha e a Persia por causa da tomada de Herat acha-se agora terminada negociando-se a paz definitiva. Esta campanha attrahiu no anno passado a attenção da Europa para o golpho ou sino persico, como lhe chamavam os antigos, e que foi um dos theatros da gloria das armas portuguezas no oriente. A expedição dirigida da India britanica contra Bushire, renovou a lembrança d'esta ilha e porto, que e o principal d'aquellas paragens.

A ilha jaz fronteira á costa oriental do golpho, e bem povoada, e tem cinco leguas de comprimento e quasi duas de largura. A cidade de Bushire está na extremidade de uma península arenosa, que o mar banha da parte do poente, tendo cavado ao norte e nordeste uma funda bázia; e assim a povoação occupa o triangulo formado pelo cabo em que tem assento, e que é separado por uma lingua de terra, ás vezes inundada. Vista do mar apresenta apparencia agradável; porém, como a maior parte das cidades persas, essa illusão perde-se logo que se passeia dentro. Dista de Shiraz, com a qual mantem grandes relações commerciaes, obra de cem milhas. O porto é defendido por uma fortaleza, que tambem se vê no nosso desenho. Actualmente, e desde que Bunder-Abbas decaiu do poder, é o grande emporio persa do negocio da India. M.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

III

Continuação.

Como é sombrio e triste agora o aspecto da bella abbadia de Whalley, depois de expulsos os seus possuidores! Durante mais de dois seculos e meio que a riqueza, e formosura d'aquelle santo edificio crescera a olhos vistos. Dezesete abbades tinham ali exercido uma hospitalidade sem limites, e todavia o ultimo era accusado de traição e estava condemnado á morte. Os monges já não passeiam nos seus claustros, e as cellas estão desertas. As matinas e as vespersas já não se ouvem na egreja do convento. Os altares estão privados das suas cruces de prata, das offerendas dos devotos, e das reliquias sagradas. Calix, mitra, castiças, salvas, bacias de prata, jarras, tudo desapareceu: a sachristia está tambem despida de todos os seus ornamentos.

Quão mudada está a abbadia de Whalley! A sua copiosa bibliotheca não escapou á destruição geral, e obras que custaram annos de trabalho foram lançadas ao fogo, e perdidas para sempre.

Na sua enfermaria já se não recolhem os doentes, e nas suas espaçosas cosinhas já não se faz o comer que alimentava milhares de familias indigentes. Nenhum porteiro convida agora o viandante a entrar. O vinho destinado pelo abbade

para os seus hospedes de maior consideração e bebido pelos seus inimigos. A grande galeria está cheia de homens armados. O oratorio dedicado á Senhora de Whalley, aonde outr'ora rezava todas as manhãs, e todas as noites o abba-de, está em completo abandono. O ecco dos claustros resoa com o tinir de espadas, com cantigas obscenas, e rixas entre os soldados. As praticas de hospitalidade e de religião findaram de todo. Só os monges que dormem n'õ cemiterio o somno eterno é que ficaram: os outros foram expulsos com injurias para procurarem amparo, como e aonde melhor podessem.

O mosteiro de Whalley era um bello e magestoso edificio, e nunca se mostrou com tanta magnificencia exterior como no dia em que se fizeram as mudanças que referimos. O sol resplandecia nas suas antigas muralhas, fazendo realçar as delicadezas da sua architectura, e coando a sua luz atravez dos vidros de côres illuminava os tumulos dos De Lacies (fundadores do mosteiro, dos antigos abbades, e dos monges que ali jaziam. Parecia respirar a paz e o socego quando foi convertido em fortaleza; o edificio sagrado aonde por tanto tempo tinham orado tantos prelados illustres devia ser em breve destruido por mãos sacrilegas, e já as suas abobadas repetiam o som da musica marcial.

O conde de Derby receiando alguma nova revolta tomara medidas para a defesa do mosteiro: na cêrca fôra collocada a artilheria, e o convento convertera-se n'uma praça de guerra. A cada uma das suas portas postara uma guarda dobrada. Os claustros e pateos estavam atulhados de tropas e de archeiros. Sobre a entrada principal tremulava o estandarte real. Mas não obstante estes preparativos militares a abbadia parecia tão bella como sempre, cercada de verdes encostas, e banhada pelas limpidas aguas do Caldeu.

Sobre a ponte, na pequena aldêa, viam-se reunidos alguns magotes de povo conversando uns com os outros, mas com o aspecto triste e melancolico, e olhando de continuo para a encosta fronteira, aonde existiam tambem alguns grupos com aspecto de quem aguardava algum acontecimento imminente. Eram, pela maior parte, pastores e operarios, e tambem entre elles se divisavam alguns habitos brancos dos monges cistersienses. Estes ultimos olhavam com saudade para a sua antiga habitação, e não diziam uma palavra quando algum soldado lhes dirigia insultos e ultrajes.

Este ajuntamento de povo teve logar no dia 11 de Março de 1537, tres mezes depois da epoca em que a nossa narração começa. O que esperavam todos, tanto os que estavam no mosteiro como os de fora, era a chegada do abba-de Paslew, e dos dois monges Haydocke e Eastgate, que vinham de Lancaster para serem enforcados, na manhã do dia seguinte, á porta do mosteiro em cumprimento da sentença que os condemnara.

N'uma pequena eminencia fronteira a entrada principal do convento estava levantada uma força de extraordinaria altura, que contrastava completamente com o pittoresco panorama que temos descripto. Este instrumento medonho visto com horror pelos camponezes, foi necessario cercal-o com tropas para impedir a sua demolição.

No meio de um dos grupos estava Cuthbert Ashbead, ex-couteiro do abbade, que tinha sido despeido como os outros criados quando se expulsaram os monges.

— Olá, Ricardo Roaphs, já foste ver a força que armaram? perguntou elle a um dos que ali estava.

— Nada, não gosto de ver coisas tristes, respondeu Ricardo Roaphs, e mais, estava tanta gente ao pé da porta, e um d'aquelles malditos soldados deu-me com o coto de uma lança, e disse-me que me havia de enforçar juntamente com o abbade se me tornasse a encontrar ali.

— E bem o mereces, respondeu Cuthbert, por teres medo, e não lhe teres resistido. Estão-me comendo as mãos para dar n'aquelles ladrões hereses. Ai de mim! Ai de mim! quem me diria que havia de ver os santos monges postos fora do seu mosteiro! E affirmam que o rei ordenara que não haveria nem frades, nem padres por toda a Inglaterra. Fico arripiado só em pensar n'isso! E não sabes que os abbades de Jervaux e de Salley foram enforcados terça feira em Lancaster? ...

— Valha-nos Deus, disse outro que estava ouvindo. Temos um bello rei. Primeiro corta a cabeça á sua propria mulher, e agora enforca todos os padres. Em que virá isto a dar!

— Em que virá isto a dar? E verdade, disse Ricardo Roaphs, nem podemos abrir a bocca com medo da mordança.

— Não? Pois eu heide abrir a minha quanto queira, respondeu Cuthbert, e se uma duzia de vocês me quizessem ajudar, soltariamos o abbade antes que chegue aqui.

— Antes quereria deixar isso para amanhã, tornou Ricardo Roaphs.

— És um covarde como já te disse, replicou Cuthbert, mas que dizes tu, Henrique? virando-se para aquelle que tinha fallado ha pouco.

— Salve-se o abbade Paslew! respondeu este, eu pelo menos não heide ficar de mãos atadas vendo-o enforçar. Vamos soltar o abbade Paslew, rapazes!

— Vamos! vamos! responderam todos, menos Ricardo Roaphs.

Ouvindo isto um homem alto saiu do grupo, e encaminhou-se para a abbacia.

— Quem é esse que nos deixa? perguntou Henrique Nabs. Ai! já vejo, é o feiticeiro Nicholau Demdike.

— Elle aqui! disse Cuthbert assustado, e ouviu o que temos dito?

— Assim parece, respondeu Henrique, mas diz-me cá, Cuthbert, não te aconteceu um caso ex-

traordinario com elle n'uma noite na montanha do Pendle?

— Aconteceu-me sim, disse Cuthbert Ashbead, eu t'o conto. Mandou-me o abbade em busca d'elle; depois de descer a montanha saltei o muro de O'Dannel, e encontrei-me com vinte ou trinta homens d'armas que me prenderam os braços, vendaram-me os olhos, e pozeram-me uma mordança na bocca, em quanto o diabo esfrega um olho. Já que mais nada podia fazer, comecei a dar com os pés para um e outro lado com quanta força tinha, e sei que acertei bem n'uns poucos, porque os ouvi gritar, o que tambem eu teria feito se podesse quando elles me principiaram a bater com paus pelo corpo, pela cabeça, por toda a parte, até que perdi os sentidos. Tornei a mim e achei-me deitado no meio de um campo, mas já sem estar amarrado; levantei-me com difficuldade, e quando tinha dado alguns passos vejo uma luz adiante de mim caminhando tambem. Receiando que fosse o Santelmo parei para reconhecer aonde estava; mas a luz parou tambem: percebi então que procedia da velha torre arruinada, e aquillo que me parecia ser uma lanterna eram mais de vinte. Cheguei-me á torre, vi então o que talvez não tornarei a ver, uma roda de bruxas, sim senhor, de bruxas com as suas lanternas e paus de vassoura!

— Deus nos acuda! interrompeu Henrique Nabs. E que mais viste, homem!

— Olha, continuou Ashbead, duas d'ellas tinham entre as mãos uma estatua de barro, que pela mitra conheci que representava o abbade. todas ellas lhe espetavam um alfinete, e um homem alto atou-lhe uma corda ao pescoço, e o dependurou.

— E o homem alto era Nicholau Demdike? perguntou Henrique.

— Adivinhaste, respondeu Ashbead. Eu estava que não podia fallar, tinha o sangue gelado nas veias quando ouvi uma voz que perguntou a Nicholau pela sua mulher e sua filha.

— A creança não está baptisada, dizia a voz, e na proxima reunião deve ser sacrificada. Trazei-a aqui. Nicholau inclinou-se perante alguem que eu não podia ver, e perguntou quando teria logar essa reunião. «Na noite do dia em que se enforcar o abbade Paslew.» Ouvindo isto disse: «Bruxas! diabos! Deus nos salve de vocês todos.» E n'um instante apagaram-se as luzes, sinto uma bulha semelhante á de um bando de perdizes que se levanta da seara, caiu-me uma pedra na cabeça, e fiquei outra vez sem sentidos; mas quando tornei a mim encontrei-me na casa do Nicholau, e sua mulher ao pé de mim com a creança nos braços.

Todas as observações e exclamações de espanto da parte dos camponezes ouvindo esta maravilhosa historia foram interrompidas pela chegada de um monge que lhes attrahiu a attenção para uma procissão que se encaminhava para o sitio aonde estavam. Os dois padres que vinham na frente tinham sido os esmoleres do convento.

— Coitados ! dizia o monge, agora necessitam elles das esmolas que ha pouco distribuiam.

— Ai de mim ! dizia Ashbead, e algumas tenho eu recebido d'elles.

— E todos nós, diziam outros.

— Ajoelhem-nos todos, disse Ashbead, para pedir a benção ao santo prior.

A procissão aproximava-se vagarosamente, os padres caminhavam com as cabeças curvadas e tristes. Chegando ao grupo o prior parou, e estendendo as mãos para o povo, ajoelhado, exclamou :

— O ceo vos abençoe, meus filhos. É um triste espectáculo aquelle que em breve tendes de presenciar. Vereis quem vos tem sustentado e vestido, quem vos ensinava o modo de alcançar a salvação eterna trazido aqui preso para soffrer uma morte ignominiosa !

— Mas havemos de o livrar, sr. prior, disse Ashbead, estamos resolvidos a isso: Deixe-o vir !

— E eu vos ordeno que não façaes tal, disse o prior. De nada pode isso servir senão de pôr em risco as vossas vidas. Os nossos inimigos tem muita força. E o abbade se aqui estivesse vos diria outro tanto.

N'este momento uma companhia de archeiros dirigiu-se ao grupo para o dispersar. Alguns assustados fugiram logo, mas outros ficaram, e entre estes Cuthbert Ashbead, a quem o official mandara prender, por ser promotor do premeditado ataque para soltar o abbade. Mas Cuthbert oppoz resistencia a esta ordem, e travou-se uma luta entre elle e Demdike, que dirigia os soldados, na qual foi morto o infeliz Cuthbert.

No entanto chegara o abbade no meio d'uma forte escolta; arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas ao contemplar o interesse e amizade que o povo tinha por elle ; os camponeses prostraram-se de joelhos para lhe pedir a benção, e de todos os lados se ouviam lamentações e murmúrios, que demonstravam a profunda dôr que os pungia. Foi levado á presença do conde de Derby, por quem foi recebido com todas as atenções, e que desejoso de lhe mostrar a sua boa vontade, disse-lhe que em nome do rei lhe concedia qualquer favor que quizesse pedir, sendo compativel com o seu dever, e não ultrapassando os limites da sua jurisdicção. O abbade pediu apenas que lhe fosse licito ouvir uma missa antes de caminhar para o cadafalso. O conde de Derby, depois de lhe exigir que desse a sua palavra de honra, obrigando-se a não se aproveitar de qualquer ensejo para tentar fugir, ordenara que se celebrasse missa á meia noite na igreja do convento, e permittiu que a ella assistissem os monges que estivessem ainda nos arredores do convento.

Continua.

A educação pode guiar, e melhorar a natureza do homem; mas nunca invertel-a.

Quando o capricho é teimoso, não cede á razão.

A BARRA DO DOURO.

Ha muitos annos que a barra do Douro chama a attenção dos nossos governos, mas infelizmente ainda até hoje nada se tem resolvido, e posto em pratica satisfatoriamente, apesar das diligencias empregadas e despendios com engenheiros, tendo até ultimamente vindo ao paiz, estudado a localidade, e proposto planos dois engenheiros hydraulicos estrangeiros, Freebody e Rennie, que receberam não pequenas sommas, e cujos projectos se não aproveitaram.

As causas que tornam perigosa a barra do Douro, são :

Os ventos S. SSO. até ao NO. que mais predominam no inverno, e na primavera. São fortes e perigosos os temporaes d'estes rumos, e d'elles se segue accumular-se muita areia no Cabedello, e serem tamanhas as vagas na barra e entrada do porto, que os navios não se podem aproximar sem perigo.

D'esta acção das vagas e ventos, que arremessam a areia para o porto e barra, e da acção das cheias que, combate aquella, provem a pequena e variavel altura na barra. Entre 23 e 12 pés se calcula a maxima profundidade na barra. Nas marés do equinocio anda por 10 pés e 9 pollegadas ; e nas marés mortas por 4 a 5 pés. Attendendo-se ás variações que os estudos ali feitos tem encontrado, conhece-se que ainda nas mais favoraveis circumstancias não podem entrar n'aquelle porto navios que demandam mais de 19 a 20 pés de agua.

Outra causa do perigo d'aquella barra está, como dizem os entendidos da materia, na direcção curvilinea da entrada, proveniente da natureza movel da barra, e nas rochas encobertas em varios pontos, que demandam dos pilotos muito cuidado e pericia.

O grande banco de areia, denominado Cabedello, que forma a margem sul da entrada do Douro, augmentado pela grande quantidade de areia que levam os ventos de SSO., reduz algumas vezes no verão a largura na foz, onde ha pouca agua doce, o que augmenta a velocidade na corrente.

Ha opiniões de que para destruir estes perigos se deveria construir um molhe na margem norte até á extremidade da rocha sul de Felgueiras, concorrendo assim esta obra para dirigir a corrente a exercer maior influencia na barra. Outros são de voto, que o porto ficaria assim em peor estado, porque o molhe, repellindo as ondas vindas de NNO. em direcção á barra, augmentaria a sua violencia.

Para se evitar este segundo inconveniente propõe-se a construcção de outro molhe, correspondente áquella na margem sul. Para isto era porém necessario conter o Cabedello, e as cheias, e regular a entrada do porto para dar livre passagem ás cheias e marés sem augmentar a velocidade d'aquellas. As sommas assim despendidas seriam enormes.

Ha tambem quem proponha destruirem-se até 14 ou 16 pés abaixo da baixamar de aguas vivas, alguns rochedos que ali estão, e o estabelecimento de um molhe em plano inclinado desde os Forcados até á Cantareira. Diz-se que se conseguirá assim, demolindo tambem parte do rochedo da Cruz, tornar mais direita a parte tortuosa do canal da entrada, facilitar a navegação, estabelecer melhor a corrente das marés na barra, e auxiliar a acção d'ellas sobre a extremidade norte do Cabedello. Orça-se esta obra em 160:000\$000 réis.

Para evitar tambem a arrebentação das amarras, como hoje succede, sendo os navios impellidos para o mar, propõe-se a construcção de uma doca ou abrigo, entre Santa Catharina e S. João da Foz, ou defronte do Porto, ou mesmo entre o Cabedello e o molhe que hoje existe.

A grande idéa, porém, que parece mais seguida, e que talvez dentro em pouco se comece a pôr em execução, é o estabelecer um porto de abrigo em Lixões, defronte de Mattosinhos e Leça. O lugar indicado é um recife de granito que entra pelo mar, e varia na profundidade de 47 pés na extremidade sul do recife a 30 pés na extremidade norte, e assim vae diminuindo regularmente até á praia, que é plana, de areia, e fica situada ao sul da foz do Leça. O ancoradouro em geral é bom. Dista duas milhas e tres mil pés da entrada do Douro em S. João da Foz, e cinco milhas e meia noroeste da cidade do Porto. As varias obras projectadas para este porto de refugio calculam-se em 3.000:000\$000 réis.

Construido este porto deve necessariamente ligar-se com a cidade, por via de um caminho de ferro, afim das fazendas e passageiros terem rapida conducção, o que seria de minutos. Esta via ferrea pode depois estender-se pela costa até Villa do Conde, Espozende, Vianna, e talvez mesmo até ao rio Minho, e seguindo pelos vales de Guimarães, Braga, Barcellos, Ponte do Lima, Valença, etc., ligar com o Porto as provincias do Minho e Douro.

Mas tudo isto não passa por ora de projectos que já nos tem custado muitos contos de réis. Quando veremos algumas d'estas coisas em execução?

SEMENTEIRA, E SEUS METHODOS.

A propagação das plantas tem chamado em todas as epochas a especial attenção do agricultor, e hoje que a sciencia tem dado passos agigantados n'este ramo, não vae fora de proposito n'um jornal da natureza do Panorama, lançarmos aqui algumas observações que podem servir de norma ao agronomo.

A multiplicação mais natural é aquella que a propria natureza está ensinando, a que se faz por via de sementeira, porque por ella se obtem grande numero de arvores sadias, e vigorosas.

Sendo, como é, muito mais moroso este meio de multiplicação, por algum tempo esteve elle despresado; porém hoje depois que se reconheceu que a paciencia e os cuidados do semeador eram indemnizados pela variedade das especies provenientes de sementes, os homens competentes tem-se applicado ao seu estudo, e pode dizer-se que este modo de propagação é actualmente uma das mais importantes operações da horticultura.

O bom exito das sementeiras depende, na sua maior parte, da epocha e modo porque se fazem.

Em geral podem semear-se logo depois da colheita as sementes amadurecidas em Agosto. Os caroços e as amendoas conservam-se pela stratificação até Março, porém note-se que a sua conveniencia tambem está em se semear logo depois de colhidas. As sementes seccas, como as siliquas, os casulos, as penachadas, e as aladas semeiam-se tanto no outono como na primavera, e conservam-se por alguns annos sem se damnificarem. As resinosas tambem se semeiam n'estas epochas, mas conservam-se pouco. As bagas e as pulposas semeiam-se em todo o anno, e conservam-se por muitos annos em sacco.

Quanto mais sãs, cheias, e bem formadas estão as sementes, mais se podem conservar. As da nespereira, daphne, rosas, etc., estão seis mezes, anno, e até anno e meio, antes de nascer.

É experiencia feita em Portugal que as plantas lenhosas, as vivaceas, as bis-annuaes, e a maior parte das annuaes se podem semear desde as primeiras chuvas de Setembro até fins de Outubro.

Basta, para conservar as sementes, evital-as do bicho, guardando-as em lugar que não seja nem quente, nem humido; e a boa razão ensina que se lhes devem pôr lettreiros indicando a especie, qualidade, e anno da colheita.

Fallámos acima na *stratificação*, e este é o nome que se dá á operação pela qual se preparam as sementes para a germinação.

Esta operação executa-se em Novembro e Dezembro, e é indispensavel nos paizes frios; mas em Portugal pode dispensar-se semeando os viveiros em Outubro.

Procede-se assim á stratificação: — Lança-se areia no fundo de vasos; estende-se por cima d'esta uma camada de semente a cobrir a areia; e depois alternam-se as camadas de uma e outra até encher os vasos, advertindo-se que a ultima camada hade ser de areia. De tempos a tempos regam-se para lhes conservar a frescura, e conservam-se os vasos ao abrigo da geada e dos bichos. Em Fevereiro ou Março, quando a geada já não é de recear, despejam-se os vasos com cuidado, e as sementes que assim estão germinadas, semeiam-se em terreno apropriado e preparado. Quando a raiz mestra fôr comprida, dobra-se-lhe a extremidade para a obrigar a lançar raizes lateraes; o que se faz preciso e é favoravel á represa das arvores.

As sementeiras fazem-se: ou em canteiros,

espalhando as sementes em terreno lavrado a miudo e gradado, cobrindo-as levemente com estrume; e este meio é o mais proprio para as sementes miudas que se não cobrem muito: ou em regos, preparando-se o terreno com estrume e lavoira, traçando regos de tres pollegadas de fundo, na distancia de palmo e meio entre si, e lançando n'esses regos as sementes, encostando-as mais ou menos conforme a especie: e este é o methodo mais usado, para se amanharem as plantas com mais facilidade: ou, finalmente, em vasos, guarnecendo os fundos com areia, e lançando-se-lhes a terra conveniente as sementes que tem de se lhes deitar. Estes vasos põem-se à sombra, regando-os se fôr preciso.

ARREPENDIDA.

Eis caminhando curvada,
Ao peso da sua dôr;
Essa mulher que agitada
Vae aos pés do confessor!...
Nas faces mostra o tormento.
Que sente n'esse momento.
Entrando já sem alento
Na morada do Senhor!...

E mui joven, mas revela
Que os seus dias tristes são!
Que apesar de ser tão bella,
Já soffre seu coração!
E não solta um só gemido,
Que nos diga o que ha soffrido,
Que o mundo teria rido
Da sua dôr e afflicção!...

Qual a causa da tristeza,
Que se vê no rosto seu?
Seria tanta belleza
O que no mundo a perdeu?
Julgaria em seus amores,
Encontrar somente flores,
Nos protestos seductores,
Que o seu amante esqueceu?...

Ver-se-hia abandonada,
Pelo homem que adorou?
Tendo a alma já cansada
Das penas que suffocou?
Seu pensamento seria,
Que essa dôr que a consumia,
Minorar então veria,
Na confissão que buscou?...

Tão joven! já o martyrio
Dominando o seu viver!
Já o tormento, o delirio,
Ter seu peito que soffrer!
Já no começo da vida,
Ver para sempre perdida,
A esperança mais querida,
Que podia conceber!...

Lá falla!...— eis declarando
A causa da sua dôr!
As forças lhe vão faltando,
Vae-lhe faltando o valor!...
Nas palavras que murmura,
Se conhece a desventura,
Que o seu peito então procura
Revelar ao confessor!...

Mas agora quer erguer-se
Que é muita a sua afflicção!
No rosto podia ver-se,
Quanto soffreria então!...
— Oh! meu padrè, eu sou culpada,
Exclamou; estou manchada,
Não devo ser perdoada,
Só mereço a maldição!...

E calou-se... de repente
As mãos ao peito levou!
É grande a dôr que ali sente,
Que a côr do rosto mudou!
Sua sorte está cumprida,
Pois n'esse extremo da vida,
Caindo desfallecida,
A desgraçada expirou!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Conclusão.

1150. Os *Albigenses*, hereticos que tomaram o appellido da provincia de Albi, onde mais predominaram, appareceram n'esta epoca, ramificaram-se, e não poucas perturbações causaram na Igreja.

Os seus principaes erros consistiam em admitir a metempsychose; rejeitarem o Antigo Testamento; não admittirem os suffragios pelos defuntos, nem o purgatorio, nem o culto dos santos e imagens, nem as ceremonias e autoridade da Igreja, nem a presença real na eucharistia, nem a necessidade do baptismo, nem os sacramentos.

Acreditavam que as almas são demonios precipitados e encerrados nos corpos, em castigo dos seus peccados.

Em pouco tempo conseguiram ter grande numero de adeptos, pela influencia e protecção do conde Raymundo, de Tolosa.

Esta heresia mereceu a honra de uma cruzada dos principes catholicos.

O seu chefe, e a maior parte dos seus sequazes foram mortos as mãos d'aquelles que, não os podendo converter, julgaram mais facil assassinal-os!

A Igreja reprova estes excessos de zelo.

1180. *Pedro Valdo*, que era um negociante de Lião, pretendeu obrigar os christãos a não

possuirem coisa alguma pelo direito de propriedade.

Ensinou que os leigos eram eguaes aos bispos; que se pode prégar sem caracter e missão; abollia o baptismo, o culto dos santos, os sacramentos, as indulgencias, e o purgatorio.

D'aqui se seguiram as heresias que, em França, se appellidaram *Vaudeses*, e *pobres de Lião*, em consequencia da pobreza que affectavam.

1377. *João Wiclef*, sacerdote, doutor em theologia na universidade de Oxford (Inglaterra), atacou a hierarchia ecclesiastica, o poder de Deus, os sacramentos, e quasi todos os objectos da nossa fé.

Foi condemnado no Concilio de Constança, em 1414.

1410. *João Hus*, natural da Bohemia, sustentou os erros de Wiclef, augmentando-os.

Pretendia, por exemplo, que a Igreja unicamente se compunha de predestinados; e que, portanto, o chefe da Igreja, e os outros pastores, não tinham autoridade real; que as leis ecclesiasticas, a excommunhão, e as censuras eram inuteis e vexatorias.

Foi anathematisado no Concilio de Constança, e condemnado ás chammas!

Apesar d'isso o numero dos seus discipulos cresceu abundantemente. Cognominaram-se *Husistas*. Não poucas perturbações, e bem sangrentas, causaram na Bohemia.

Os principaes chefes d'esta seita, depois de João Hus, foram *Jeronymo*, de Praga, *Roquesane*, e *João Ziska*.

D'esta seita nasceram muitos hereticos, que não vale a pena mencionar pela sua pequena importancia. Contudo foi esta a origem e tronco do lutheranismo e calvinismo.

1517. *Martinho Lutero*, monge da ordem de Santo Agostinho, despeitado, segundo se diz, por não terem encarregado o seu mosteiro de prégar as indulgencias, dogmatizou em Saxonia e na Alemanha; atacou a autoridade da Igreja, e a preeminencia da santa sé; negou o purgatorio, as indulgencias, e a efficacia dos sacramentos. D'estes só admittia dois.

A sua doutrina privava tambem o homem da sua liberdade; supprimia o culto e invocação dos santos, e rejeitava os votos monasticos.

Foi condemnado pelo papa Leão X, pelas universidades, e pelo Concilio de Trento.

1535. *João Calvino* rejeitou a infallibilidade da Igreja, e dos Concilios geraes.

Ensinou que cada um era juiz da fé, e soberano interprete das Escripturas.

Negou a invocação e culto dos santos, o livre arbitrio, e a possibilidade de cumprir com os mandamentos da lei de Deus.

Os unicos sacramentos que reconheceu foram — o baptismo e a eucharistia; mas do primeiro combateu a necessidade, e negou no segundo a presença real de Jesus Christo.

Os seus discipulos appellidaram-se *Calvinistas* ou *Reformados*.

Deu-se-lhes egualmente o nome de *Huguenotes*, que, pela sua derivação do alemão, significa *associados*.

De Lutero e Calvino nasceram tantos hereiarchas, que hoje é impossivel enumeral-os.

Eis os principaes:

Anabaptistas, que dizem ser necessario repetir o baptismo, quando este se conferiu antes da idade da razão.

Zuinglianos ou *Sacramentarios*, que negam aos sacramentos todos os seus effectos.

Socinianos ou *Anti-trinitarios*, que negavam o mysterio da Trindade, e prégravam que tudo quanto se não entende se deve rejeitar.

Arminios, que toleravam todas as religiões, excepto a verdadeira.

1685. *Miguel Molinos*, jesuita de Saragoça, que ensinou ser sufficiente á beatitude o aniquilamento das funcções da alma.

Seguia-se, naturalmente, d'esta proposição, a rejeição da oração, e boas obras.

D'ella nasceram as heresias conhecidas pelos nomes de *Molinismo* ou *Quietismo*.

1720. *João Toland*, inglez, que prégoou o deismo.

Antonio Collins, e Thomaz Wolston, tambem inglezes, seguiram a sua opinião, e deram origem ás seitas, cujas doutrinas foram tão perigosas como aquella.

Thomaz Wolston chegou ao ponto de atacar os milagres de Jesus Christo.

Desde esta epoca se propagou o espirito de incredulidade, que ainda hoje ataca as sociedades modernas.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXVIII

De como chegou a armada do marquez a S. Miguel.

Chegou o marquez de Santa Cruz á ilha de S. Miguel com uma grossa armada de galeões de Portugal, e outras naus, dez galés, duas galeotas, muitas caravelas latinas, na entrada do mez de julho do anno de 1583, e ancorou, e tomou todos os soldados que o anno atraz tinha deixado, e achou todos os mancebos soldados, que tinham ido desta ilha no batel a buscarem falla, e novas á ditta ilha de S. Miguel; e o marquez folgou muito de os achar para os mandar com recados a esta ilha Terceira; e esteve esperando conjunção de tempo na ditta ilha de S. Miguel para vir a esta, porque com vento noroeste não podia vir, que ventou por espaço de dias tanto que chegaram á ilha de S. Miguel; e tanto

que lhe deu tempo se levantaram com toda a armada.

LXXIX

De como foi vista um dia á tarde a armada do marquez de Santa Cruz.

Sendo vista a armada do marquez de Santa Cruz um dia á tarde, a 21 ou 22 dias do mez de julho, do anno de 1583, foi logo sabido nesta cidade, e de noite se pôz a gente em ordem, e a mandaram juntar nesta cidade, para verem a tenção da armada onde determinava botar a gente. Os carros da artilheria grossa foram postos na praça da cidade com todos os bois, e a gente de cavallo toda juncta com o capitão Gaspar de Graen, e os jumentos pequenos de carga com seu capitão, todos junctos, para levarem os mantimentos; e a gente toda juncta, cada um com o cargo que lhe tinham dado; e os cirurgiões junctos. Quando foi ao outro dia pela manha amanheceu a ditta armada, galés, e galeões, juncto da Costa, e as galés ao longo da pedra. Enviou logo Manuel da Silva gente de cavallo a vigiar a Costa, e pôr gente por ella em ordem, e ficou

em S. Bento com muita gente de cavallo. E estando alli vieram dizer que o marquez botava em terra os mancebos que achou em S. Miguel (que foram com o batel para tomarem um homem) com cartas para sua excellencia, e que já vinham por terra. Podia estar Manuel da Silva com os seus homens de cavallo, e chegaram os mancebos com uma carta: o ditto Manuel da Silva a tomou, abriu, e a leu para si só, e acabado de a ler se virou para a gente, aonde estava muita gente nobre, e os da governança da terra, e dice: *Vossas mercês saberão, que aquella armada não traz mais que sette mil soldados: sendo falso. A alguns se lhes mettu em cabeça, a outros não. E dizendo isto o ditto Manuel da Silva se virou para os mancebos, e dice: Ide dizer ao marquez, que digo eu, que conho em Deus, que antes de um anno heide pôr minha lança dentro em Madrid. E tudo nada. Manuel da Silva toda a sua imaginação foi não entregar a ilha, e fugir, pelo que ao diante se dirá.*

Continúa.

Os males alheios, que penalizam o homem compassivo, causam prazer ao invejoso.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porem, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças,

e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circumstancias.

As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.º 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.º 52 1.º andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
À entrega	90 »

PROVINCIAS (franco de porte)

Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »